**Trabalho de FILOSOFIA – SEGMENTO 09 – 3º trimestre**

**Individual: valor 75 pontos**

**DATA DE ENTREGA 30 DE OUTUBRO**

OFICINA: I.A Conversando com máquinas

PROFESSORA: Bianca

NOME: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

|  |
| --- |
| **OBJETO DE APRENDIZAGEM:**  -Nietzsche e a crítica à tradição filosófica  - Filosofia existencialista  **ORIENTAÇÕES:**  O trabalho deve ser digitado e entregue na aba tarefas.  Tanto os textos de Nietzsche, quanto o do Sartre estão no final deste arquivo. |

**Questões sobre os textos “SÓCRATES? UM HOMEM MUITO DOENTE” e “A MORAL DOS VENCEDORES E DOS PERDERORES”**

1.Explique por que, segundo Nietzsche, Sócrates estava muito doente e qual era a doença dele.

2. Explique qual a relação entre Sócrates e o espírito apolíneo e o espírito dionisíaco.

3. Apresente quais são as características da moral dos vencedores/ senhores e da moral escravos, segundo o texto de Nietzsche.

4. Pesquise quais são as características do super-homem, segundo Nietzsche. (NÃO ESQUEÇA DE INCLUIR AS REFERÊNCIAS)

5. Crie 2 questões de múltipla escolha com base nos textos de Nietzsche. As questões devem conter texto de apoio, enunciado e 5 alternativas. O texto de apoio deve ser um trecho dos textos. Você deve destacar qual é a alternativa correta.

**Questões sobre o excerto do texto “O Existencialismo é Humanismo” de Jean Paul Sartre**

**5.** O que significa dizer que a existência precede a essência?

6. Por que o existencialismo de Sartre é ateu?

7. Por que a filosofia existencialista de Sartre coloca todo ser humano na posse do que ele é e o submente a responsabilidade total de sua existência?

8. Crie uma questão de múltipla escolha com base no texto de Sartre. A questão deve conter texto de apoio, enunciado e 5 alternativas. O texto de apoio deve ser um trecho do texto. Você deve destacar qual é a alternativa correta.

**QUESTÃO DE PESQUISA**

9. Explique o que é Indústria Cultural, segundo Adorno e Horkheimer (Não esqueças as referências).

**TEXTOS DE NIETZSCHE**

**SÓCRATES? UM HOMEM MUITO DOENTE**

**Problema: Como avaliar a tentativa da filosofia de avaliar tudo racionalmente? Racionalidade e instinto são conciliáveis?**

**TESE: A grandeza do homem grego- e com ela a grandeza da humanidade- teve fim quando a filosofia substituiu a tragédia. Enquanto esta última representava a vida na sua crua realidade sem mascarar a evidência de um homem controlado por forças incontroláveis e a ele superiores, a partir de Sócrates prevaleceu uma atitude de fuga em relação à vida, uma patologia do espírito, cujos sintomas são o medo e a insegurança psicológica, unidas ao absurdo de encontrar uma explicação racional para qualquer evento, de modo a esterilizar a vitalidade do mundo e dos instintos por meio da razão. A história da filosofia é uma dolorosa vicissitude de decadência progressiva, marcada pela supressão do dionisíaco e pelo predomínio do apolíneo. Invertendo a ordem tradicional dos valores, Nietzsche identifica na morte de Sócrates, no seu desejo de morrer, o primeiro e mais evidente sintoma dessa milenar doença (a filosofia), que deprime o homem ocidental. (O texto que se segue foi extraído de O Crepúsculo dos Ídolos).**

Sócrates fascinava: parecia um médico, um salvador. Ainda será preciso demonstrar o erro inerente à sua fé, a racionalidade a qualquer custo? É um autoengano dos filósofos e moralistas acreditarem já terem saído da *décadance* simplesmente lhe fazendo guerra. Escapar dela está além das suas forças: o meio que eles escolhem como salvação não é senão uma outra expressão da décadance; eles transformam a sua expressão, mas por si só não a eliminam. Sócrates foi um equívoco: toda a moral do aperfeiçoamento, mesmo a cristã, foi um equívoco...

A mais viva luz do dia, a racionalidade a qualquer custo, a vida luminosa, fria, prudente, consciente, sem instinto, em contraposição aos instintos, foi ela mesma somente uma doença, uma outra doença, e não absolutamente um retorno à virtude, à saúde, à felicidade... Ter de combater os instintos, essa é a fórmula da décadance: enquanto a vida está em ascensão, felicidade e instinto são a mesma coisa.

Terá talvez compreendido também isso, o mais avisado dentre todos os enganadores de si mesmos? Disse-o a si mesmo no final, na sabedora da sua coragem diante da morte? ... Sócrates quis morrer: não Atenas, mas Sócrates deu a si mesmo o copo de veneno, ele obrigou Atenas a dar-lhe o copo envenenado...Sócrates não é um médico, disse baixo para si mesmo: aqui o médico é somente morte... Sócrates apenas esteve doente por muito tempo...

**A MORAL DOS VENCEDORES E DOS PERDERORES**

**O PROBLEMA: Qual a origem do senso moral? Os valores éticos são realmente valores?**

**TESE: Todas as doutrinas éticas elaboradas pela filosofia sempre se apresentaram como sistemas absolutos, universais, supra históricos, válidos para todos os tempos e países. Invertendo aqui também os esquemas tradicionais, Nietzsche enfrenta o problema ético por meio de uma genealogia, ou seja, uma narrativa do nascimento e do desenvolvimento histórico- psicológico das doutrinas morais. A ética da aristocracia dominante na Antiga Grécia fundava-se no valor do indivíduo na qualidade da sua pessoa, prescindindo dos comportamentos efetivamente adotados. A saúde, a juventude, a sexualidade, o orgulho da própria força, o desejo de domínio expresso sem falsos pudores eram então consideradas como virtudes. Mas essa vital alegria de viver decaiu com a aristocracia cavalheiresca que a havia inventado, sendo substituída por uma moral de escravos (as éticas filosóficas) e, depois, pelo Cristianismo, a grande doença psíquica do homem ocidental. Os novos valores que se impuseram são ainda os mesmos pelos quais somos educados: o puder do corpo, a vergonha da sexualidade, a humildade, o amor pela pobreza, a renúncia a viver em plenitude, o desejo de morte. (O texto que se segue foi extraído de Além do Bem e do Mal.)**

Vagando entre as mais refinadas e mais toscas morais que reinaram ou ainda reinam sobre a Terra, encontrei regularmente certos traços recorrentes e ligados entre si: até que por fim dois tipos básicos a mim se revelaram e uma diferença radical se mostrou.

Existe uma moral dos senhores e uma moral dos escravos; acrescento imediatamente que em todas as culturas superiores e mais mistas também se manifestam tentativas de mediação entre as duas morais e, ainda mais frequentemente, a confusão e o desentendimento entre as duas, ou até o seu duro paralelismo, inclusive no mesmo individuo, no interior da mesma alma.

As diferenciações morais de valores nasceram ou sob uma espécie dominante que, com satisfação, tomava consciência das próprias diferenças em relação aos súditos, ou sob os súditos, os escravos e os submetidos de todos os graus. No primeiro caso, quando são dominadores a determinar o conceito de bom, são aceitos como distintivos e determinantes os estados elevados e nobres da alma. O homem nobre afasta de si as criaturas nas quais se manifesta o contrário de tais estados elevados e nobres: ele as despreza.

Deve-se logo notar que nessa primeira moral o contraste *bom* e *não bom* significa *nobre* e *desprezível*: o contraste bom e ruim tem uma outra origem. Despreza-se o vil, o medroso, o mesquinho, aquele que pensa na sua estreita utilidade; o mesmo vale para o desconfiado, com o seu olhar não franco, aquele que se humilha sozinho, a espécie dos seres-humanos- cães que se deixa maltratar, o mendigo adulador, principalmente o mentiroso: a fé basilar de todos os aristocratas é que o povo vil mente. *Nós, os verdadeiros*, assim se denominavam os nobres na Antiga Grécia.

É sabido que as definições de valor moral foram por toda parte atribuídas inicialmente aos seres humanos e só desviadas para as ações; motivo pelo qual é grave erro que os historiadores da moral comecem com questões como: por que foi louvada a ação compassiva?

A espécie dos homens nobres vê se a si mesma como determinante de valores: não necessita se fazer chamar de boa, ela pensa *que o que me prejudica e de per si prejudicial*, ela sabe ser o elemento que confere às coisas o seu valor primeiro, é criadora de valores. Dignifica tudo o que conhece de si: semelhante moral é autoglorificação.

Sobre esse fundo está a sensação de plenitude, de poder que quer transbordar, a felicidade da máxima tensão, a consciência de uma riqueza que gostaria de doar e restituir: o nobre também ajuda o infeliz, nunca ou quase nunca por compaixão, mas antes por um impulso gerado pela superabundância de poder...

Diferente é a situação do segundo tipo de moral, a moral dos escravos. Posto que os violentados, os oprimidos, os sofredores os prisioneiros, os inseguros de si mesmo e os exaustos façam moral: qual será o elemento comum das suas avaliações morais? Provavelmente será a expressão de uma suspeita pessimista em relação à condição humana inteira, talvez uma condenação do ser humano e da sua situação. O olhar dos escravos não é favorável às virtudes dos poderosos: é cético e desconfiado, tem uma sutil desconfiança de todo *bem* que venerado no mundo do potentes, e gostaria de convencer-se de ali nem mesmo a felicidade é autêntica.

Ao contrário, são colocadas em evidência e iluminadas as características que servem para facilitar a existência dos sofredores: eis que são exaltados com compaixão, a mão complacente e disposta a ajudar, o coração quente, a paciência, a laboriosidade, a humildade, a cordialidade, posto que neste caso são as características mais úteis e quase o único remédio para suportar a opressão da existência.

A moral dos escravos é essencialmente uma moral utilitária. Aqui está o foco dos famosos contrários, bom e ruim: no mal sente-se o poder e periculosidade, um certo apavoramento, sutiliza e força que não permitem ao desprezo aflorar.

**Referência: NICOLA, Ubaldo. Antologia ilustrada de filosofia: das origens à idade moderna. São Paulo: Globo, 2005, p. 410.**

**TEXTO DE SARTRE**

**Excerto do texto O Existencialismo é Humanismo de Jean Paul Sartre. P. 10-13. Tradução Rita Correa.**

O existencialismo ateu [...] Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. [...] Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. [...] Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. [...] Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da monogamia. Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.